

Os circuitos da cultura na Virada Cultural em São Paulo

Leila Maria da Silva Blass*

Resumo:- Tendo em vista a programação da quarta edição da Virada Cultural de 2008 na cidade de São Paulo e a distribuição espacial dos palcos temáticos onde se desenrola essa programação, pretendo, neste artigo suscitar um debate acerca do processo de formação multicultural e multiracial dos seus moradores. Embora a Virada Cultural seja um evento efêmero e ocasional voltado às atividades de entretenimento ou de lazer, assinala, na dimensão simbólica, o modo de viver a cidade e a importância das festas na construção das sociabilidades no Brasil.

Palavras-chave: Virada Cultural, sociabilidades no Brasil, São Paulo

Abstract

Considering the schedule of the fourth edition of 2008's Virada Cultural in the city of São Paulo, Brazil, and the space distribution of the thematic stages where this event is performed, I intend, upon this article, to merge a debate concerning the multicultural and multiracial constitutional process of its inhabitants. Although Virada Cultural is an ephemeral and occasional event guided by entertainment activities, it signalizes, on the symbolic dimension, the town's way of living and the importance of parties in the construction of Brazil's sociabilities.

Key-words: Virada Cultural, Brazil's sociabilities, São Paulo

“... o presente é aquele que se vê dificilmente...”
(Balandier, 1997:17)

A quarta edição da Virada Cultural foi um acontecimento artístico-cultural que ocorreu na cidade de São Paulo, das 18 horas do dia 26 até as 18 horas do dia 27 de abril de 2008, sob a coordenação da Secretaria Municipal de Cultura e promovido em parceria com várias instituições públicas e privadas como, por exemplo, o SESC de São Paulo. Um dos seus objetivos, segundo informe oficial, seria “promover a ocupação da região central da cidade de São Paulo durante 24 horas ininterruptas, convidando os participantes a passear pelas ruas e avenidas do Centro contemplando a arquitetura dos seus prédios e a paisagem urbana”.¹

* Titular em Sociologia e Livre-Docente pela Faculdade Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Docente no Departamento de Sociologia e no Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais nessa Universidade.

¹ Ver: www.prefeitura.sp.br/cidade/secretarias/cultura/noticias.

Tendo aceitado esse convite, dirigi-me ao palco instalado na Avenida São João, chamado “Palco São Paulo”, quando se iniciava a maratona. Nesse palco, se apresentaram cantoras e cantores nacionais e internacionais bastante conhecidos no Brasil. Logo, recebi um folheto com a programação e a localização dos vinte seis (26) palcos temáticos espalhados por ruas e praças situadas no chamado centro “novo” da cidade de São Paulo. Esse folheto constitui a principal fonte de dados deste artigo que chama a atenção sobre as relações entre a distribuição espacial desses palcos e o processo de formação multicultural e multiracial dos moradores na cidade de São Paulo.

Ao transitar pelos circuitos da Virada Cultural, saltavam aos meus olhos as suas múltiplas faces e, em particular, as formas simbólicas do modo de viver a cidade, embora seja um evento efêmero e ocasional voltado às atividades de entretenimento ou de lazer. Além disso, assinala, mais uma vez, o papel das festas na construção da sociabilidade no Brasil, como lembra Amaral².

No período colonial, as festas constituem um importante elemento para “a integração entre portugueses e índios (os jesuítas usaram, muitas vezes, o interesse dos índios pelas festas religiosas para atraí-los e estabelecer contatos com objetivos de catequese)”, bem como entre negros e outros grupos. Mais recentemente, vem se tornando, lembra Amaral, “um produto turístico cada vez mais atraente, pelo que se pode deduzir dos relatórios da Embratur e das Secretarias de Turismo. Elas vêm gerando um crescente mercado de empregos, produtos e serviços que lhe são correlatos, o que propicia seu mais rápido crescimento e a difusão de modelos de festas por todo o país, como é o caso das Fests (inspiradas no modelo da Oktoberfest - festa do chope), das Festas de Peão e das Festas de colheitas (da maçã, do morango, do milho, do caju etc), inspiradas na Festa da Uva”.³ Contudo, as dimensões simbólicas das festas passam despercebidas por uma grande parte dos turistas e visitantes que, segundo essa autora, “a vêm, geralmente, como espetáculo e diversão”.⁴

Importa ainda assinalar que as festas e o seu desenrolar expressam, desse ponto de vista, a dinâmica da cidade em que se realizam. A programação e a localização dos palcos temáticos da quarta edição da Virada Cultural não deixam dúvidas a esse respeito. É

². Amaral, R., “Sentidos da Festa à Brasileira” (www.n-a-u.org/artigos.html).

³. Ver: Amaral, R., “Sentidos da Festa”

⁴. Idem, *ibidem*.

chamada “a festa da diversidade” pelo coordenador geral desse evento porque a sua programação está marcada pela heterogeneidade artística para atender aos consumidores passivos que viriam preencher as ruas desertas do centro da cidade nos finais de semana. Por esse motivo, “nenhum gênero musical foi limado (...) nem mesmo o rap que, no ano passado, levou os *Racionais MC’s* ao palco da Praça da Sé e o espetáculo acabou em vandalismo”.⁵

Nada é negligenciado na programação da Virada Cultural de 2008. Apesar do seu caráter episódico quando “tudo começa e se acaba em 24 horas”, revela fazeres, dizeres e formas predominantes de sociabilidade na vida cotidiana paulistana. O vadiar sociológico⁶ por seus circuitos, além de me chamar a atenção para as múltiplas faces desse evento, me apontou também alguns paradoxos e contradições que marcam as relações sociais contemporâneas pautadas pelo desafio da convivência entre diferentes, apesar da implementação das políticas de ação afirmativa.

A proposta da Virada Cultural responde, de um lado, às diretrizes a partir das quais se busca implementar políticas de ativação social, no Brasil, baseada no incentivo aos negócios e na geração de empregos, seja de artistas, técnicos de som, iluminação, cenografia etc, seja dos vendedores ambulantes espalhados pelo centro dessa cidade e do comércio em geral. Não se pode esquecer ainda dos negócios relativos à produção fonográfica, ao marketing, às atividades jornalísticas, da mídia eletrônica etc. De outro, se insere no cenário político-partidário local, quando acontece às vésperas das eleições municipais para as quais concorriam, dentre outros, o atual prefeito, candidato a reeleição, a ex-prefeita candidata do PT e o ex-governador do estado de São Paulo, candidato do PSDB em cisão com a coligação municipal com DEM (partido do prefeito) e com o PMDB.

O noticiário nos meios de comunicação social e os comentários são implacáveis nesse sentido, relacionando, de imediato, esses aspectos. O jornal **Folha de São Paulo** divulga, por exemplo, na parte superior da primeira página uma grande foto na qual o atual prefeito aparece assistindo “de camarote” às atividades que se desenrolam no palco

⁵. Ver: “24 horas para curtir mais de 800 apresentações na capital”, **O Estado de São Paulo**, 25 de abril de 2008: p. C 12.

⁶. Conforme a expressão inventada por Pais (2003).

instalado em frente às escadarias centrais do Teatro Municipal na Praça Ramos de Azevedo, situada no centro da cidade.⁷

Se a programação da Virada Cultural atende à diversidade, a distribuição espacial dos seus palcos expressa o modo de viver a cidade de São Paulo, a visão de mundo de grande parte dos seus moradores e o sistema de relações sociais (e de poder) em que estão inseridos. Portanto, os palcos não estão vazios, mas carregados de agora. A escolha dos locais para instalação desses palcos põe a descoberto não somente o processo de segregação e segmentação urbana, resultado da mistura das tradições culturais e das experiências históricas presentes na formação e expansão da cidade de São Paulo, mas principalmente a distância social entre os moradores dessa cidade onde cada um tem o seu lugar.

É, desse ponto de vista, que chama a atenção o fato do deslocamento do palco destinado às apresentações dos representantes do movimento hip hop e da música rap para as cercanias do centro “novo” da cidade, isto é, no Parque D Pedro. Conforme declarações do diretor geral das atividades na Virada Cultural, estaria dificultando, assim, os atos de violência observados em 2007. Não só o palco é transferido de local, mas os convidados a apresentarem nesse palco pertencem às gerações anteriores dos rappers. Segundo os responsáveis pelo evento, organizam “um espetáculo que tem mais cara de celebração [chamado].hip hop das antigas”.⁸ O **Diário de São Paulo** no seu caderno especial comenta esse fato, afirmando: “o show dos Racionais MC`s, na Praça da Sé, terminou em briga. Neste ano, o grupo e a praça estão fora da programação”.⁹

Na figura de mapa publicada no “Guia da Virada” divulgado pelo jornal **O Estado de São Paulo** em 25 de abril, um dia antes do início das atividades da Virada Cultural, estão localizados os palcos temáticos, quase todos, situados no território compreendido, de um lado, entre a Praça Ramos de Azevedo até o Parque D. Pedro e, de outro, do Viaduto Santa Efigênia até a Rua da Consolação, exceto o palco do movimento hip hop no Parque D. Pedro.

O Parque Dom Pedro é um local distante e fica, de certo modo, isolado das demais atividades que aconteciam em outros locais. Além disso, é local que se encontra bastante

⁷. Na legenda abaixo da foto do prefeito que participa da Virada Cultural, está escrito em destaque: “Alekmín quer invocar Covas contra união Kassab-Quércia”. Cf. **Folha de São Paulo**, 28 de abril de 2008.

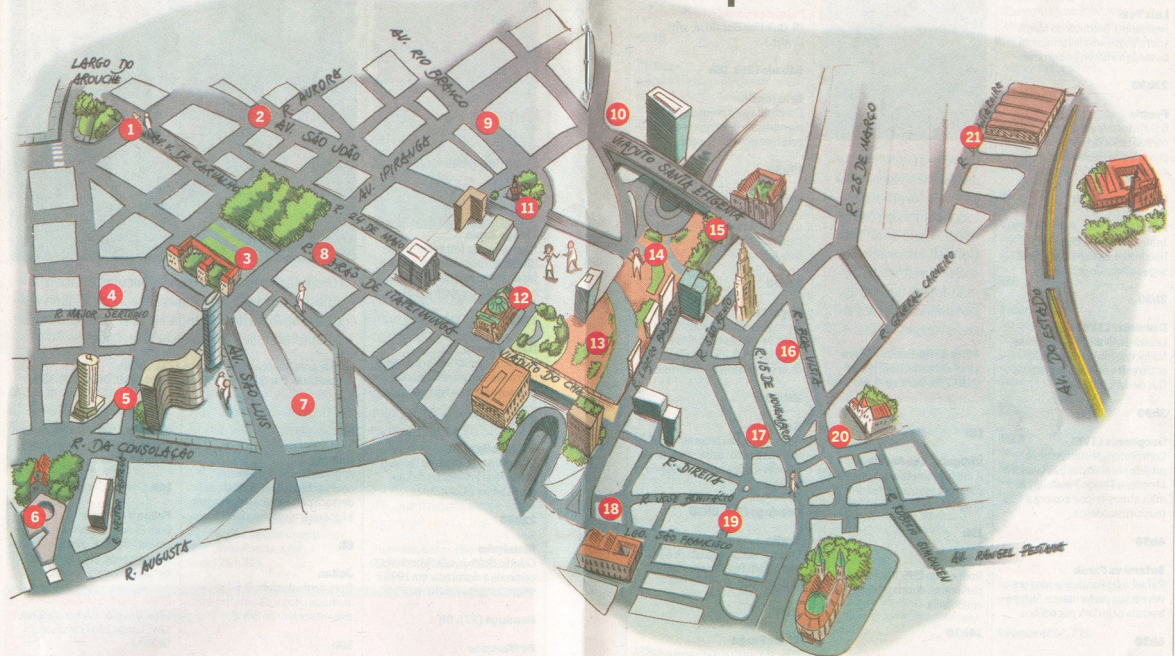
⁸. Idem, ibidem.

⁹. Cf. **Diário de São Paulo** de 25 de abril de 2008, “Vamos Ver”, p.1.

deteriorado, tendo sofrido muitas inundações e alagamentos em épocas de chuvas torrenciais na cidade de São Paulo. Nos dias atuais, está completamente entrecortado por vias expressas que interligam as regiões leste e sul da cidade de onde residem os principais representantes do movimento hip hop em São Paulo e onde se localizam os seus redutos mais expressivos.

A construção imagética de uma realidade, nesse caso a segregação urbana, informa, portanto, não só a distribuição das atividades artísticas, mas principalmente quem os ocupará para quem assistir, como revela o lugar atribuído pelos organizadores da Virada Cultural aos rappers. Embora reconhecidos na sua diferença, são vistos, de um modo, geral e inclusive pelos dirigentes governamentais, como rebeldes e incentivadores da criminalidade e da violência entre os jovens moradores na periferia urbana de São Paulo. A música rap e a idéia de periferia coincidem nas imagens socialmente construídas que acabariam justificando a sua alocação no Parque D. Pedro, ou seja, no contorno do centro da cidade e às margens do rio Tamanduateí.

Escolha seu palco



- | | | | | | | |
|--|--|--|--|---|--|--|
| 1 BAILE DO AROUCHE
Com Nelson Ned, Wilson Simoninha, Havana Sax e outros. | 4 BAILINHO
Aulas de dança de salão no centro da cidade. | 7 PIANO NA PRAÇA
Com participação de Zé Celso Martinez. | 10 BOTECO DE BAMBAS
Velha-guarda da Vai-Vai, Ivone Lara, Arlindo Cruz – e é só o começo. | 13 DANÇA
Ana Botafogo, Stagiun e Balé da Cidade. | 16 PISTA XV
Com os populares DJs Mau Mau, Patife, Felipe Venâncio. | 19 PISTAS DAS CASAS
Clubes noturnos emprestam seus DJs residentes. |
| 2 PALCO SÃO JOÃO
Cesaria Evora, Gal Costa e Jorge Ben Jor são os destaques aqui. | 5 PALCO DAS MENINAS
Com Fernanda Takai, Mariana Aydar, Mallu Magalhães e outras. | 8 CANJA ROCK-BLUES
Jam session com Vânia Bastos, Kid Vinil e outros músicos. | 11 RODA DE CAPOEIRA
Mestres e discípulos expressam sua arte com a participação do público. | 14 INSTRUMENTAL BRASILEIRO
Mais de 90 músicos se revezam neste palco. | 17 PISTA DA QUITANDA
Metro Area e I:Cube estão no comando. | 20 FESTIVAL INDEPENDENTE
29 bandas tocam no Pátio do Colégio. |
| 3 ROCK REPÚBLICA
Com Paul Di'Anno, Arnaldo Antunes e outros. | 6 TEATRO
A chance de não pagar nada para ver Os Satyros e Parlapatões. | 9 BAILE DE BAMBA
Com Inezita Barroso, Falamansa, Renato Borghetti, entre outros. | 12 TEATRO MUNICIPAL
Com Luiz Melodia, Naná Vasconcelos e outros. | 15 SILENT DISCO
Balada que não atrapa-lha: você só precisa garantir o seu fone. | 18 PISTA SÃO FRANCISCO
18 DJs se revezam na grande pista de rua. | 21 MERCADO CAIPIRA
Com Tinoco, Sérgio Reis, Pena Branca, entre outros. |

Os palcos revelam as fronteiras simbólicas da cidade que prevalecem na vida cotidiana. Os circuitos da cultura na Virada Cultural se situam, portanto, nas encruzilhadas entre rotina e ruptura do cotidiano, sendo as festas contínuas a vida cotidiana. Os discursos instituídos sobre a programação desse evento tentam mascarar esse fato. Se tal ocorre, torna-se importante, como sugere Pais (2001), “desrealizar o que pensamos que naturalmente nos é dado, convidando o ‘natural’ a ceder lugar ao enigmático, ao artificial”, pois, “se os enigmas deformam a realidade, também a informam”. (idem: 58)

A distribuição e a descentralização dos palcos constituem o caráter enigmático da Virada Cultural de 2008 em São Paulo. Os enigmas, enquanto representações mitificadas, se manifestam em detalhes aparentemente sem significação ou nos fragmentos instantâneos e transitórios. Assim, eles revelam, de modo sutil, o não-dito, o invisível em

que se pauta o sistema de relações sociais e as formas de dominação, ou seja, o real vivido. Os enigmas, escreve Pais (2003), “convidam-nos a entrar num jogo de estereótipos” a fim de descobrir suas significações” (idem: 58) e decifrar códigos a partir de interrogações sobre o que se passa quando nada parece se passar. Contudo, acrescenta esse autor, “as decifrações são impensáveis sem referência a totalidades, a serem descobertas ou recompostas” (idem: 68) a partir da interpretação promovida pelos cientistas sociais.

Os palcos consistem, portanto, em espaços sociais nos quais se expressam distintos estilos de vida, gostos e práticas cuja eficácia simbólica está alicerçada na realidade. Ou nas palavras de Bourdieu (2004), “nas afinidades objetivas entre as pessoas que se quer reunir” (idem: 166). Desse ponto de vista, se pode concluir que cada palco temático e a distribuição espacial das atividades artísticas expressam o contexto social cotidiano paulistano onde os seus moradores vivenciam profundas desigualdades sociais e enfrentam discriminações, estigmas e conflitos latentes.

Nessa medida, os palcos condensariam, na perspectiva de Bourdieu (2004), poder simbólico no sentido de “consagrar ou de revelar coisas que já existem”, ou seja, as fronteiras simbólicas que demarcam a vida cotidiana na cidade de São Paulo. Contudo, elas são percebidas, continua esse autor, “para os que fazem parte dele e para os outros, quando é distinguido, segundo um princípio qualquer, dos outros grupos, isto é, através do conhecimento e do reconhecimento”. (Idem: 167)

Os locais onde acontece a Virada Cultural prefiguram fronteiras simbólicas. Que revelam não só a dinâmica urbana de São Paulo e das suas formas segmentadas de sociabilidade, mas principalmente as contradições do processo de desenvolvimento capitalista pontuado por desigualdades de oportunidades, de acesso e pela injustiça social. Portanto, desenvolvimento coexiste com as mais variadas formas de pobreza, construindo muralhas imaginárias. Essas muralhas mostram aos habitantes da cidade de São Paulo que eles podem, conforme uma das letras dos Racionais Mc’s, sair “do gueto, mas o gueto nunca sai de você” (Negro Drama, 2002 / CD “Nada como um dia após o outro”).

Os participantes das agremiações carnavalescas da cidade de São Paulo e/ ou das rodas de samba também foram contemplados com um palco temático denominado “Boteco de Bambas” localizado próximo ao viaduto Santa Efigênia e ao Vale do

Anhangabaú onde alguns deles brincaram o Carnaval e/ ou defenderam as cores da suas escolas de samba e dos seus blocos nos festejos carnavalescos. Sem dúvida, um lugar simbólico para os sambistas que já foi, inclusive, cantado em versos por Adoniran Barbosa em uma canção que diz: “Venha ver Eugênia/ Como ficou bonito/ o Viaduto Santa Efigênia”.¹⁰ No entanto, a sua localização também se encontra distante das principais atrações artísticas da Virada Cultural, como se pode observar na figura de mapa acima apresentado..

Ao serem isolados e afastados do conjunto das atividades artísticas, tanto rappers quanto sambistas ficam mais expostos às formas de controle social e policial em relação ao que diziam e faziam, sendo extensivos aos gestos e movimentos do seu público ouvinte. As formas panópticas de controle social vigente no dia-a-dia da cidade de São Paulo também se fazem presentes, embora de modo silencioso e quase imperceptível, nas chamadas práticas sociais de entretenimento.

A Virada Cultural de 2008 não foge a regra, pondo em evidência os paradoxos desse evento que se expressam em códigos verbais e não-verbais. Nesse sentido, lembraria Pais (2004), “há um poder mágico nas palavras, uma vez que representam coisas. O modo como este poder opera parece razoavelmente óbvio, manifestando-se na construção de um mundo feito de palavras, qualificativos, etiquetas. Uma vez uma coisa concebida numa palavra, algo surge que transcende a ambas”. (idem: 13).

A música rap ao mesmo tempo em que é reconhecida como expressão da resistência dos jovens moradores nos bairros distantes do centro da cidade de São Paulo, torna-se conhecida como um campo fértil para sua manifestação política e protesto contra discriminações e estigmas que eles enfrentam na vida cotidiana. Nessa medida, devem ser mais vigiados.

A cartografia dos palcos desenha o modo de viver a cidade de São Paulo, a centralização e concentração de poder na tomada de decisões acerca da distribuição das atividades artístico-culturais na Virada Cultural. Deixa claro, nesse sentido, quem definiu as regras do jogo; quais os objetivos das ações individuais e da intervenção na cidade; quem participa desse evento e sob quais condições. A cultura em trânsito na cidade de São Paulo demonstra, mais uma vez, que as atividades artísticas podem desempenhar um papel

¹⁰. Cf. “Bambas sambam ao redor da mesa. Batuque durará 24 horas no Viaduto Santa Efigênia”, **Dário de S. Paulo**, 25 de abril de 2008, “Vamos Ver”: 03

central nas políticas governamentais com vistas à obtenção de consensos (sem violência como acentuam alguns artigos na imprensa¹¹ nos dias posteriores à realização desse evento). As conexões entre arte e política se tornam, assim, mais evidente.

O trânsito da cultura na cidade de São Paulo

Os circuitos da cultura respondem aos procedimentos técnicos que deram conta dos detalhes para o funcionamento da programação prevista na Virada Cultural. Seus organizadores, ao gerir, diferenciando, classificaram “tribalizando” e hierarquizando os seus participantes e protagonistas. O modo coletivo de gestão se confronta, dessa maneira, com as individualizações de apropriação da cidade, chamando a atenção para o fato de que, conforme acentua de Certeau (1994), “as práticas do espaço tecem, com efeito, as condições determinantes da vida social” (idem: 175).

Importa recuperar, neste texto longe de objetivos comparativos, a localização urbana da Cidade do Samba no Rio de Janeiro na região portuária da Gamboa. Esta escolha remete às raízes de personagens e entidades ligadas ao Carnaval carioca e ao desembarque e comércio de negros, retomando, portanto, tradições culturais e experiência histórica da presença dos negros na vida cotidiana da cidade do Rio de Janeiro, como já mencionei em outro texto (2008).

Nos circuitos da Virada Cultural de 2008 na cidade de São Paulo, acontece o contrário disso. Eles contemplam, mas reafirmam as “muralhas” socioeconômicas e simbólicas presentes no cotidiano paulistano dos seus habitantes e moradores. São muralhas que separam e segregam quem está dentro e quem está fora, desvendando o seu “significado biopolítico”, apoiando-me em Agamben (2007).

Uma das características essenciais da biopolítica moderna, conforme esse autor, seria a “necessidade de redefinir continuamente, na vida, o limiar que articula e separa aquilo que está dentro e daquilo que está fora”. (Idem: 137-8) Portanto, o que parecia “natural”, apresenta-se, parafraseando Agamben (2007), “como *tarefa política*” (idem: 155; grifos do autor)

A programação da Virada Cultural ilustraria as práticas da tecnologia de biopoder, entendida enquanto o poder de ‘fazer viver’. Ou seja, uma forma de poder contínuo que

¹¹. Ver, por exemplo, o artigo “Concentrada no centro de SP e sem violência, VIRADA CULTURAL tem público recorde”, **Folha de São Paulo**, 28 de abril de 2008: E 1.

intervém, conforme Foucault (2005), “sobre o homem enquanto ser vivo”. (idem: 294); “na maneira de viver” e, acrescenta esse autor, “no ‘como’ da vida”. (idem: 295)

Na disposição espacial dos palcos temáticos, transparece, inclusive, as interfaces dos mecanismos disciplinadores com os regulamentadores de poder. As cidades operárias são pensadas e concebidas no século XIX, escreve Foucault (2005), a partir de “mecanismos disciplinares de controle sobre o corpo, sobre os corpos, por sua quadrícula, pelo recorte mesmo da cidade, pela localização das famílias (cada uma na sua casa) e dos indivíduos (cada um num cômodo). Recorte, pôr indivíduos em visibilidade, normalização dos comportamentos, espécie de controle policial espontâneo...” (idem: 299) Ao lado deles, se configuram outros que se configuram como "mecanismos regulamentadores, que incidem sobre a população enquanto tal..." e induzem comportamentos de poupança em todas esferas da vida, acentua Foucault (2005: 300)

A tecnologia de poder cujo objeto e objetivo, conforme Foucault (2005), seria a vida (idem: 303), produz e reproduz também estigmas que nomeiam certos pedaços de uma cidade e seus moradores, podendo se tornar critérios seletivos no recrutamento da força de trabalho ou para intensificar as ações policiais. Os habitantes da cidade confinados nesses espaços, põem romper, episodicamente, essas fronteiras simbólicas, mas mesmo assim são vistos individual e coletivamente como outros. As suas vestes, gestos e palavras os denunciam de onde vieram.

Os fragmentos instantâneos e detalhes da Virada Cultural de 2008 na cidade de São Paulo são indícios do processo histórico de formação do povo brasileiro, quando se considera o fato, apoiando-me na análise de Gambini (1999), que “duas civilizações se encontram, se juntam, mas uma nega a outra... Os índios são o objeto da primeira negação. Mas logo em seguida vem a segunda, que é a negação do negro, com a diferença de que ele [...] acabou sendo o construtor da economia brasileira” (idem: 63 e 64). Essa constatação provoca a indagação: como forjar uma identidade- nós na identidade- eu, usando as expressões de Elias (1994), se dois grupos são negados nos seus valores, crenças e visões de mundo?

Por isso, ressalta Gambini (1999), “se fizermos a imagem de um todo feito de partes, podemos dizer que a sociedade brasileira está amarrada, mas não [...] houve amálgama, não houve síntese”. (idem: 68) Para esse autor, a mistura de que somos

constituídos é reconhecida, porém estamos fracionados e divididos “por muros altíssimos, onde um tem medo do outro. Medo da diferença que o outro lhe traz”. (idem: 72)

Se as cidades soam e ressoam de tal modo que o sentido das suas sonoridades pode incitar os ouvidos dos cientistas sociais, como sugere Fortuna (1999), a memória negra e indígena na cidade de São Paulo ainda parece invisível aos olhos sociológicos. É forçoso admitir, nesse sentido, que os documentos escritos constituem a fonte de dados predominante nas ciências sociais, apesar do reconhecimento, em décadas recentes, escreve Fortuna (1999), “da importância do olhar e da cultura visual da conformação e nos modos de representação da sociedade...” (idem: 104), compondo as imagens insinuações preciosas do processo de formação das pertencas sociais.

Considerações finais

A decisão de dobrar o número de palcos e “apostar em espaços temáticos se revelou um acerto da organização da Virada Cultural”, conforme avalia um artigo divulgado em um jornal diário paulistano.¹² Um dos seus participantes discorda dessa avaliação, ao comentar: “cada um na sua programação, no seu canto. Todos unidos pela mesma atitude. A retomada do centro? [...] Nem de longe. Isso, de fato, só deve acontecer hoje (na segunda-feira)”.¹³

Esse acontecimento artístico-cultural nem sequer é mencionado dentre as notícias referentes ao desempenho de economia brasileira, apesar dos resultados obtidos. O noticiário local trata desse evento, restringindo à programação cultural e nos dias imediatamente posteriores a sua realização.

O seu caráter episódico e efêmero são assim acentuados o que parece não justificar a elaboração deste artigo. No entanto, um dos seus objetivos seria trazer, uma vez mais, à reflexão um dos grandes desafios do tempo presente marcado pelos processos sociais da globalização que diz respeito à convivência com as diferenças. A Virada Cultural torna-se uma oportunidade para se desvendar quem são seus protagonistas e as ambigüidades dos discursos dominantes que orientam práticas sociais.

¹². Ver: “Palcos temáticos encontram seu público”, **Folha de São Paulo**, 28 de abril de 2008: E 3..

¹³. Cf. Gustavo Piquera, “O paulistano não retomou o centro”, **Folha de São Paulo**, 28 de abril de 2008, p. E 3. **Folha de São Paulo**

O secretário municipal da cultura, na ocasião, Carlos Calil, quando entrevistado “duas semanas após o sucesso da Virada Cultural”, declara que, embora essa proposta tenha surgido, “quase acidentalmente”, ela “não pertence mais ao governo, mas às pessoas e aos artistas. Ela se impôs”¹⁴ Por esse motivo, se expande para interior do estado de São Paulo e para outras cidades brasileiras.

Diante de consumidores passivos, os coordenadores da Virada Cultural tentam implementar formas interativas de comunicação a fim de promover a sua continuidade. Para tanto, fazem um apelo, através da imprensa escrita e falada, para que paulistanos e turistas relatem suas experiências, enviem fotos e mandem “sugestões de mudanças para as próximas edições e também comentários sobre palcos e atrações preferidos”.¹⁵

Desse modo, se arquiteta a construção de um poder que busca combinar consenso e coerção como se observa nos circuitos da cultura na Virada Cultural de 2008 na cidade de São Paulo.

Bibliografia

- AGAMBEN, G. (2007), *Homo sacer. O poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte, editora UFMG.
- AMARAL, Rita de Cássia. (1998) *Festa à Brasileira. - Significados do festejar no país que “não é sério”*. Tese de Doutorado, São Paulo, USP.
- BALANDIER, G. (1997), *O contorno: poder e modernidade*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil editora.
- BECKER, H. (2007), *Segredos e truques da pesquisa*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- BLASS, L. (2004), A formação multicultural do trabalhador assalariado brasileiro: o invisível pertinente *in* Chaia, M. e Silva, A. (orgs), *Sociedade, cultura e política: ensaios críticos*. São Paulo, Educ.
- BLASS, L. (2004a), “Desfile de carnaval e tribos urbanas: a diversidade no efêmero”, *in* L. Blass e J. Machado Pais (orgs.), *Tribos urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo, Annablume.
- BLASS, L. (2006), *Ato de trabalhar: imagens e representações*. São Paulo, AnnaBlume,
- BLASS, L. (2007), “Trabalho e suas metamorfoses contemporâneas à luz do pensamento social clássico”, **Ponto- e- Vírgula 1** (www.pucsp.br/ponto-e-virgula).
- BLASS, L. (2007), *Desfile na avenida, trabalho na escola de samba: a dupla face do Carnaval*. São Paulo, AnnaBlume.
- BLASS, L. (2008), “Rompendo fronteiras: a Cidade do Samba no Rio de Janeiro”, **Revista Brasileira de Ciências Sociais** vol. 23 nº 66. S. Paulo, fevereiro: 79-92.
- BOURDIEU, P. (2004), Espaço social e poder simbólico *in* *Coisas ditas*. São Paulo, Brasiliense.

¹⁴. Cf. “Na terra dos eventos”, *Carta Capital*, 21 de maio de 2008. p. 58.

¹⁵. Ver: www.prefeitura.sp.br/cidade/secretarias/cultura/noticias

- De CERTEAU, M. (1994), *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, Vozes.
- Del PIORE, M., (1994), *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo, Brasiliense.
- ELIAS. N. (1994), *A sociedade os indivíduos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar ed
- FORTUNA, C. (1999), *Identidades, percursos, paisagens culturais: estudos sociológicos de cultura urbana*. Oeiras, Celta.
- FOUCAULT, M. (2005), *Em defesa da sociedade. Curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo, Martins Fontes
- GAMBINI, R. e DIAS, L. (1999), *OUTROS 500. Uma conversa sobre a alma*. S. Paulo, Editora Senac
- PAIS. J. M. (2003), *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo, Cortez.
- PAIS. J. M. e Blass, L. (2004), *Tribos urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo, Annablume.